

Eutanásia

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do
TRF da 5ª Região

Agora, depois do último Oscar, parece que estou chegando a uma contundente realidade: não entendo nada de cinema.

Confesso que sempre fui um cinéfilo assumido, com bissexta incursão no campo da crítica cinematográfica.

Estudante do curso clássico, no Colégio Padre Félix, no Recife, cheguei a fundar e dirigir, por um ano, o cineclube Charles Chaplin, um centro de debates e estudos sobre o cinema, especialmente quando a chamada Sétima Arte, no Brasil, adquiria personalidade, com o surgimento do *Cinema Novo*, que revolucionou o universo filmico.

Pois bem, com todo esse envolvimento, admirando Fellini e Glauber Rocha, lendo os *Cahiers du Cinema*, frustrei-me, afirmo, com a última festa de Hollywood.

É que, conscientemente, eu apostei todas as fichas no filme – *Mar adentro* – do Diretor espanhol Alejandro Amenábar, como ganhador da estatueta de ouro.

E a profecia justificadora da minha confiança tinha razões eloqüentes.

Começava, de logo, pelo tema central do filme – a eutanásia.

Depois, o nome consagrado do Diretor era senha garantidora de sucesso.

Sem esquecer – é o óbvio – a formatação técnico-ideológica da película com a fantástica moldura musical e o respeitável elenco que nele trabalha.

Por último – é imperativo que se registre – o discurso existencial do filme. A sua postura doutrinária e o componente jurídico do enredo.

Com certeza, tudo se resume, finalmente, no histórico dilema: o paciente, sem qualquer possibilidade de cura, tem o direito de ordenar que se acabe com sua vida?

Aqui, pois, o cerne do drama.

Ramón Sampedro, marinheiro por profissão, tetraplégico, personagem-chave do filme, jovem de apenas 28 anos, que só consegue movimentar a cabeça, não aceita mais sofrer, vivendo uma vida verdadeiramente vegetativa.

Daí, o caráter temático da peça filmica.

Faz-se, em *Mar adentro*, uma sóbria discussão sobre o instituto do livre-arbítrio.

O filme, na linha do entendimento de renomados especialistas no assunto, defende a liberdade de usar o próprio corpo, de permutar uma vida aviltante por uma morte digna.

Ramón Sampedro, o dono da cena, desesperado com o nunca-acabar do seu sofrimento, sentencia com a força das coisas definitivas: “A vida é um direito, não uma obrigação”.

Um texto para aprofundada reflexão, nascido de um filme soberbo, afirmativo, atual.

Consolo-me. Nem sempre, também, no cinema, ganha o melhor.

Para este modesto articulista, *Mar adentro* é o vencedor moral do Oscar.